

Agentes lentos e objetos coreográficos: diagramas do acolhimento ao centro de cidades ao sul

Taís Beltrame dos Santos*

Resumo Compreendendo a cidade como lugar de encontro entre múltiplas temporalidades, agentes e forças que tecem a contemporaneidade, revisito os rastros de minhas viagens ao centro de Montevideo, Porto Alegre e Pelotas para buscar “objetos coreográficos” que operem os “territórios” do espaço público na interface com a arquitetura. Esse encontro possibilita novos “agenciamentos” para o projeto de lugares mais acolhedores e interativos. A operação das fotografias, anotações no diário de bordo e mapas do acolhimento visitados é recomposta a partir de “diagramas”, um dispositivo cartográfico que propõe um modo de registrar o processo entre a forma e a palavra, o que oportuniza novas considerações para pensarmos o projeto, as dinâmicas e fluxos ao centro das cidades ao sul do sul.

Palavras-chave: cidade contemporânea, desenho urbano, objetos coreográficos, cartografia, caminhografia urbana.

Agentes lentos y objetos coreográficos: diagramas y coreografías en el centro de ciudades del sur del sur

Resumen Comprendiendo la ciudad como lugar de encuentro entre múltiples temporalidades, agentes y fuerzas que tejen la contemporaneidad, revisito los rastros de mis viajes al centro de Montevideo, Porto Alegre y Pelotas para buscar “objetos coreográficos” que operan los “territorios” del espacio público en la interfaz con la arquitectura. Este encuentro posibilita nuevos “agenciamientos” para el diseño de lugares más acogedores e interactivos. La operación de las fotografías, anotaciones en el diario de a bordo y mapas de acogida visitados se recombina a partir de “diagramas”, un dispositivo cartográfico que propone una forma de registrar el proceso entre la forma y la palabra, lo que permite nuevas consideraciones para pensar el proyecto, las dinámicas y los flujos en el centro de las ciudades del sur del sur.

Palabras clave: ciudad contemporánea, diseño urbano, objetos cartográficos, cartografía, patología urbana.

Slow agents and choreographic objects: diagrams and choreographies in the center of cities in the South of the South

Abstract Embracing the city as a convergence of multiple temporalities, agents, and forces that weave together our contemporary experience, I revisit the “traces” of my journeys to the centers of Montevideo, Porto Alegre, and Pelotas. My quest is to uncover “choreographic objects” that orchestrate the “territories” of public space in their intricate interplay with architecture. This encounter paves the way for new “agencements” in the design of more welcoming and interactive spaces. The operation of photographs, diary entries, and maps of the visited welcoming spaces is recomposed through “diagrams”. This cartographic device offers a mode of recording the interplay between form and word, opening up new avenues for considering the design, dynamics, and flows at the heart of the cities of the South of the South.

Keywords: contemporary city, urban design, choreographic objects, cartography, walkography.

Agentes, dispositivos e temporalidades

Esquadrinhada por ruas e conformada por arquiteturas sedentárias e nômades, a cidade é uma reunião de agentes, signos e temporalidades. Compreendendo o espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações, de uma maneira não absoluta e sempre transitória, podemos supor, a partir do pensamento do geógrafo Milton Santos, em “Técnica, Espaço e Tempo” (1997), que existem duas temporalidades que o modificam continuamente: os tempos rápidos, determinados pela tecnologia, pelo capital, pela velocidade de uma estética global¹, responsáveis pela reprodução de uma identidade verticalizada e padrão; e os tempos lentos, tempo da reminiscência, criatividade e pluralidade de um espaço de contato, responsáveis pela prática menorizada, plural e acolhedora. A cada um dos tempos, condiz o espaço praticado, suas ações e agentes, bem como suas provocações e interferências.

O primeiro dos tempos, verticalizado, é o tempo da exploração dos desejos de consumo e controle. Tempo acelerado pelas grandes empresas multinacionais, organismos internacionais e ações políticas governamentais, não reconhece as fronteiras, particularidades e os distintos “territórios”². É uma ordem maior, amplamente difundida pelas novas engenharias e arquiteturas, redes de internet e contratos financeiros do capital mundial (SANTOS, 1997). É o sistema que certifica e representa a informação, emitindo e patrocinando o mundo imagino-estético da homogeneidade que conhecemos.

Já o tempo lento, horizontal e opaco, é o tempo do “acolhimento”³. Resultado de tudo o que não se encaixa, não condiz, não cabe, não convém ou ainda não serve aos tempos rápidos. É o tempo da diferença, da escala do encontro e da alteridade. Daquilo que não sabemos como ordenar, compreender ou reproduzir e por isso mesmo costumamos ignorar enquanto planejadores. É o tempo das gambiarras, da heterogeneidade e o pulso da contra-colonialidade. É o tempo da in-domesticação e da vida selvagem.

Os atores do tempo lento, obrigados a criar suas próprias táticas inventivas, atrasam um locus no espaço-tempo, interferindo no “território” daqueles que por eles passam, mesmo que minimamente. Por não seguirem as leis abstratas dos tempos rápidos, mas utilizá-las, manipulando suas estruturas e alterando-as, imbricando-se nas brechas, são agentes da “experiência” que nos propõe o educador Jorge Larrosa em “Notas sobre o saber da experiência” (2002), e nos permite atentar a aquilo que nos passa e nos acontece. Agentes de uma estética local, territorializada e adaptada, podem nos dizer sobre a arquitetura, a vida urbana e os acontecimentos que alteram cotidianamente os centros de nossas cidades. Paola Jacques, em “Elogio aos Errantes” (2012), define os atores do tempo lento como outros urbanos: aqueles que escapam, resistem e sobrevivem da anestesia pacificadora que tende a espetacularizar as cidades.

* Taís Beltrame dos Santos é Arquiteta e Urbanista, ORCID <<https://orcid.org/0000-0003-2529-6170>>.

Notas 1, 2 e 3 (página anterior):

1 A estética global é uma sustentação de generalização dos desejos e necessidades, que pode, teoricamente, ser alcançada, de qualquer lugar, desde que se tenha as condições necessárias (SANTOS, 1997).

2 Território no sentido guattariano. Um modo de existência (GUATTARI, 1992). O território, para além da mera delimitação espacial, se configura como uma teia complexa de relações e fluxos em constante transformação. Mais do que solo físico, ele engloba comportamentos, crenças, desejos e subjetividades, moldando a forma como interagimos com o mundo ao nosso redor. Territórios existenciais, como o corpo humano, cidades ou paisagens, são palco de dinâmicas sociais, culturais e políticas. Neles, se entrelaçam linhas de fuga e territorialização, resistência e controle, em um processo contínuo de criação e recriação. Compreender o território em sua multiplicidade é fundamental para desvendar as relações de poder presentes em nossa sociedade. Através dessa lente, podemos questionar as estruturas dominantes e buscar alternativas para a construção de espaços mais justos, inclusivos e criativos.

3 Acolher é, segundo Dirce Solis, a partir do pensamento de Jacques Derrida: "Oferecer ou receber hospitalidade, hospedar ou ser hospedado, alojar. [...] Acolher deveria ser aceitar incondicionalmente, mas se é sob certas condições, costuma induzir ao seu contrário, ou seja, o rejeitar ou excluir definitivamente" (SOLIS, 2024, p.41-42).

4 "A hostipitalidade, combina hostis (inimigo) + pets (potis, potes, potência). Hostilizar e acolher, ao mesmo tempo. Assim, há o hospedeiro, aquele que exerce o poder e recebe o estranho, o dono da casa, digamos. E há o hóspede, aquele que é recebido. Mas ao mesmo tempo, há uma disposição originária, há uma quebra da simetria, e essa expropriação originária acaba por fazer do sujeito um anfitrião, mas também o hóspede se converte em refém" (SOLIS, 2005, p.72-73). Um acolhimento desproporcional, disruptivo, mobilizador e passível de retorno.

Expandindo a compreensão que temos da rua como espaço de deslocamento, onde a função de ir e vir é imperativa, acreditamos que os agentes lentos atuam como operadores da "hostipitalidade"⁴, relação derridiana de acolhimento (Derrida, 2003), desacelerando o "território" e performando percalços à transitoriedade das coisas, das pessoas e dos objetos na velocidade almejada pelos tempos rápidos. Utilizando materiais banalizados, recicláveis, ultrapassados, e ressaltando um contexto cooperativo e de impacto limitado, agem na escala pessoal, alterando o contexto na emergência da vida urbana. São eles: vendedores sedentarizados, ambulantes, guardadores de carro, crianças, moradores de rua, feirantes, skatistas, pichadores etc. Seres que se deslocam pelas cidades fazendo uso da estrutura sedentarizada do centro e modificando seus fluxos (SANTOS, 2021).

Compreendendo ainda que para tais modificações fazem uso de "objetos coreográficos": dispositivos de ação que articulam um movimento corporal em um espaço, pergunta-se: Se a nossa experiência na cidade é modificada por agentes dos tempos lentos e na interface entre cidade sedentária e nômade, quais são os objetos coreográficos encontrados ao centro das cidades ao sul do sul? Como eles atuam como dispositivos, modificando a experiência do acolhimento na cidade?

Essa escrita é um compartilhamento e atualização da cartografia apresentada na dissertação "Seres Lentos e Vida Urbana: Caminhografia pelas ruas de Montevideo, Porto Alegre e Pelotas⁵ (2021)" e atualiza as possibilidades de compreensão da experiência urbana ao revisitar os registros da viagem e pesquisa (os cadernos de campo, fotografias e mapas do acolhimento⁶) e ampliar suas compreensões; e analisar os dispositivos de lentidão a partir da ideia do objetos coreográficos, estudando sua capacidade propositiva nos fluxos da cidade. A partir das movimentações, entre desenho e significação, análise e síntese, cria-se diagramas⁷, evidenciando a relação entre as coreografias da cidade e os usos e modificações do espaço público, na interface entre arquitetura e urbanismo. A dinâmica pretende criar pistas para espaços públicos mais acolhedores e sustentáveis ao centro de cidades ao sul do sul.

O espaço sedentário e o espaço nômade

A homogeneidade, parâmetro do espaço sedentário, produz o ordenamento racional (logos) das ruas, edificações e espaços privados. É responsável pelos regimes de luminosidade propostos por Milton Santos (2006): enquanto a heterogeneidade do espaço nômade, produz a nomadologia, casa das multiplicidades não métricas que pluralizam a experiência lisa e lenta do espaço opaco⁸. Sendo nomos e logos, imbricados já que, no sentido deleuze-guattariano: "o espaço liso não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado, e o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso" (Deleuze; Guattari. 1997, p.148).

Se falamos de lento e rápido, há de se ter em mente que nenhuma dessas temporalidades é absoluta, se movimentam como logos e nomos. São como eles, estados; não graus quantitativos, mas movimentos qualificados pelas acelerações e desacelerações que os interpelam e os produzem. As temporalidades rápidas estão conectadas por vetores de racionalidades. Permeadas por discursos pragmáticos e unitários que criam regras para seu próprio benefício. Já as temporalidades lentas, por serem fadadas à solidariedade, se empenham na união. São partes e atores "de um cotidiano conforme, mas não

Notas 5, 6, 7 e 8 (página anterior):

⁵ A pesquisa aconteceu entre os anos de 2019 e 2021. Investigou as práticas e inventividades urbanas através do corpo em diversos cenários da estética do frio, se atentando aos atores, arquiteturas e dispositivos que conformam o encontro e o acolhimento. Os encaminhamentos foram possibilitados pela “Pedagogia da Viagem” e pela “Caminhografia” (cartografia + caminhada) que propõe imersão no território investigado. A prática coleciona fotografias, mapas do acolhimento e anotações em um diário de campo, que quando revisitados e combinados, geram uma espécie de atlas sobre a temática. Disponível em: <<https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/8473>>, acessado em 10 de outubro de 2023.

⁶ Os mapas do acolhimento são grafias sensíveis mas formais, que buscam apresentar os sentimentos de hospitalidade e hostilidade vivenciados na rua de forma diagramática.

⁷ “Instância a operar precisamente entre forma e a palavra” (SOMOL, 2007, p.180).

⁸ As zonas opacas são assim chamadas porque nelas não chega a luz do espetáculo do circuito rápido (SANTOS, 2002).

⁹ Os objetos, em Milton Santos, teriam papel simbólico e funcional, assim como os dispositivos, dependendo de sua prática para legitimação. Os seres rápidos nesse sentido, dominariam preponderantemente objetos abstratos, enquanto os seres lentos objetos de materialidade. Ambos seriam interligados por redes complexas. E serviriam a legitimação de algumas ações (MILTON SANTOS, 1997). Aqui, adota-se o dispositivo como objeto capaz de modificar a experiência corporal e os fluxos propriamente ditos da cidade.

conformista, e simultaneamente, lugar de cegueira e da descoberta, da complacência e da revolta” (Santos, 2005, p. 193).

Se o espaço estriado e rápido depende de uma perspectiva central, universal e determinada de longe, o espaço liso e lento é uma visão aproximada. Está em contínuo “agenciamento”, em um processo de ritornelo, que sempre dispõe uma potência de desterritorialização (Deleuze; Guattari, 1997). São zonas de resistência, insistência e sobrevivência, de criatividade (Santos, 2021). Corriqueiramente se movem com os “territórios” nômades daqueles que os praticam, alisando pequenas parcelas de espaço estriado (Jacques, 2012).

Os dispositivos e os objetos coreográficos

Assim, como os tempos e os espaços, diversos dispositivos são condicionados e dizem sobre esses conceitos. Operando e sendo operadas por agentes mais lentos ou rápidos; lisos ou estriados; opacos ou luminosos; contextualizam um modo de compreender e produzir o mundo apontado como “território”. Embora constituído subjetivamente, segundo Guattari (1992), um “território” pode ser comunicado pelos elementos que operam o mesmo e o constituem, significando-os. Consideramos dispositivos, bem como Deleuze em “O que é um dispositivo?” (1990), como os meios de ver, falar e ocupar o espaço, operados tanto por quem detém o poder, como por quem o questiona. Atrelados às linhas de subjetivação, segundo Virginia Kastrup e Regina de Barros (2009): os dispositivos são capazes de inventar modos de existência, parte de um processo de individuação que diz respeito a grupos ou pessoas. Sua função é sua urgência, já que são atrelados a uma série de práticas e de funcionamentos que produzem efeitos no “território”.

Esses dispositivos utilizados para comércio, morada ou demora, incitam posições de corpos e deslocamento aos transeuntes, às vezes pelo desvio dos fluxos, às vezes pela composição de suas peculiaridades materiais, territoriais ou estereotipadas. Quando lentos, propõem diferenças em um mar de repetição, instigando movimentos de corpo que suspendem a regra formal. São propostos - para essa pesquisa - como objetos⁹ coreográficos. Podem ser bancos, bancas, cartazes, lambes, carrinhos de venda etc.

Segundo o coreógrafo e dançarino contemporâneo americano William Forsythe (2006): “Um objeto coreográfico é, por natureza, aberto a uma gama completa de instigações perceptivas não mediadas”, que não predispõe a presença de um corpo atuante, porque desenha o espaço enquanto o formula. Corroborando com Forsythe, a artista, pesquisadora e professora, Maria Paula Recena acredita que: “O objeto coreográfico funciona operando diretamente sobre qualidades espaciais que possibilitam ações como, ampliar, concentrar, direcionar ou restringir” (2015, p.108), e aqui, também desacelerar.

Acolhimento como indício projetual

Compreendemos o acolhimento como uma afetividade incondicionada, fundadora da cidade. Para o arquiteto e professor Fernando Fuão, em “As formas do Acolhimento na Arquitetura” (2014), a hospitalidade é o lugar que faz repensar a arquitetura, a casa e o abrigo. É o acolhimento da hospitalidade que dá lugar ao lugar. O sentido

sem lugar que dá sentido ao lugar. Uma relação ética que pressupõe abrir portas (e janelas) ou fechá-las. Que se emancipa no entre. O acolhimento que supõe um hospedeiro – responsável por gerar a hospitalidade, e um hóspede – que o arrebatou e chega sem avisar. Uma relação que pode ser chamada de “hostipitalidade”, porque mistura o afago e o refugio, em uma comunhão intrínseca.

A hostipitalidade pode significar muitas coisas, mas sobretudo no campo da arquitetura e urbanismo, pode dizer sobre a coexistência sensível, do acolhimento da diferença. Segundo Fernando Fuão (2014, p.26):

Pode ser compreendida como a inclusão do outro dentro da prática disciplinar do projeto arquitetônico nas faculdades, incluindo esse ‘diferente’, essa ‘diferença’ poderá fazer surgir novos programas de projeto até então inéditos dentro da academia, como por exemplo as ocupações embaixo de viadutos para fins sociais. [...] O estudo da arquitetura como objeto autônomo tem se mostrado frágil, insustentável, porque o que funda a arquitetura não é a pedra, a fundação, mas o fundamento humano que deve estar em sua interioridade.

Na relação que fundamenta e subjetiva a cidade enquanto produto plural, entre tantos agentes, dispositivos e temporalidades, como incluímos a pluralidade em projetos de arquitetura-urbanismo? Como os diversos dispositivos – rápidos e lentos – podem operar os “territórios” e coreografias produzidos no centro de Montevideo, Porto Alegre e Pelotas, sobretudo quando operado por pessoas e para pessoas (em suas múltiplas temporalidades)? Como mapear isto?

A cartografia como método de pesquisa

A cartografia, como método de pesquisa passível de acompanhar processos, traça uma nova perspectiva para a ciência contemporânea ao se debruçar e acolher a complexidade da subjetividade a partir da esquizoanálise de Deleuze e Guattari (1995). Como uma pesquisa-intervenção que assimila fatores e atores diversos, precisa ser inventada enquanto ocorre. Não possui regras ou prescrições, e se adapta com atenção ao meio que pretende investigar. Tenciona as forças que incidem sobre os diferentes corpos e “territórios”, dizendo do objeto que pretende investigar a partir de uma experiência vivida e territorializada que vai de encontro à cidade.

Considera que toda a realidade (e virtualidade) se interpelam, e busca desvendar as linhas de poder - e seus dispositivos - mapeando os sedimentos e fissuras que compõem a prática. A intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência. “A cartografia como método de pesquisa-intervenção” (2015), segundo Eduardo de Passos e Virgínia Kastrup, é o traçado desse plano de experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção de conhecimento) do próprio percurso da investigação.

A cartografia “Seres Lentos e Vida Urbana” começou em 2019, e a cada novo movimento de pensamento e criação, evidenciou novas compreensões da experiência. Todos os registros, análises e montagens da dissertação foram coletados em campo, em três expedições caminográficas¹⁰: uma à Montevideo, outra a Porto Alegre e

¹⁰Caminhografiar é caminhar e cartografar ao mesmo tempo. Surge como prática corpórea que visa o registro inscrito da experiência urbana na contemporaneidade (ROCHA; SANTOS, 2023).

por último a Pelotas, entre outubro de 2019 e junho de 2021. Na época, as três ruas foram percorridas constantemente, em diferentes cenários e os registros que pediram passagem foram coletados em formas de diário de bordo, fotografias e mapas do acolhimento.

O diário de bordo é um caderno que recebe os relatos cronológicos do acontecimento, desde frases soltas, narrativas exaustivas, desenhos e condições climáticas. É o dispositivo de registro gráfico da viagem. Já as fotografias são o registro do instante. Proporcionam a experiência de atenção focal e captura das luminosidades e opacidades, das sedentarizações e nomadizações, anunciando as dissonâncias do olhar. Por fim, os mapas do acolhimento proporcionam a representação diagramática da experiência de hospitalidade. Localizam geograficamente a hospitalidade e o convite à demora (espera) e a hostilidade que te coloca a correr e continuar (errância), sem, entretanto, se prender ao sistema cartográfico tradicional. Possuem como referência as formas do acolhimento de Fernando Fuão (2014) e Celma Paese (2016). Os mapas do acolhimento são feitos à posteriori, diferente dos outros dois, que são registros intensivos, feitos durante a caminhografia.

Olhando os registros mapeados e a cartografia que se sucede enquanto análise e criação e relata sensivelmente a experiência nas cidades, reconhece-se a instalação de objetos coreográficos do tempo lento e nômade nas diversas arquiteturas e zonas do “território” rápido e sedentário, e suas relações com a hospitalidade nas três cidades. Ao olhar novamente para os mapas, e a partir da ideia de objeto coreográfico como dispositivo, os conceitos de lentidão e acolhimento tomam novos sentidos - agora diagramáticos, criando novas possibilidades para pensar os fluxos que geram os movimentos coreográficos no espaço público do centro. Entende-se esse movimento como uma incursão operativa, porque produz mapas a partir de vestígios já operados anteriormente, contribuindo com um sentido rizomático, e não arborescente, de processo de pensamento.

Diagramas e mapas do acolhimento

Buscando a expressão cartográfica aberta, com uma sempre potência de movimentação, entendemos que um mapa pode exprimir a identidade entre o percurso e o percorrido. Pode se confundir com o próprio objeto quando esse está em movimento, já que:

Um meio é feito de qualidades, substâncias, potências e acontecimentos: por exemplo, a rua e suas matérias, como os paralelepípedos, seus barulhos, como o grito dos mercadores, seus animais, como os cavalos atrelados, seus dramas (um cavalo escorrega, um cavalo cai, um cavalo apanha...). O trajeto se confunde não só com a subjetividade dos que percorrem um meio mas com a subjetividade do próprio meio, uma vez que este se reflete naqueles que o percorrem. (Deleuze, 1997, p. 73)

Subvertendo a lógica clássica das cartilhas de representação dos aspectos funcionais e físicos das cidades, diversos movimentos artísticos do século XX se empenharam em desconstruir o mapa, apresentando experiências. “O grupo de Debord (situacionistas) se utilizava dos mapas turísticos para propor atitudes de exploração e descoberta em ambiências e tecidos urbanos conhecidos a fim de desnudar a cidade” (Paese, 2016, p.106). Obviamente os mapas de Debord não são bons manuais de localização,

entretanto desempenham um papel fundamental de cognição e construção de novos agenciamentos, que operam sistematicamente nas ações e temporalidades do espaço – inclusive geográficas.

Nesse sentido, buscando constituir um mapa outro, propõe-se o diagrama: “um mapa, a cartografia, co-extensiva a todo campo social [...] uma multiplicidade espaço-temporal [...]. Uma expressão gráfica para a reflexão sobre poder ou estratégia” (Deleuze, 1998, p. 44). Um sentido operativo, sempre em devir, que registra uma relação transversalizada entre as diversas partes, que sempre podem ser conectadas.

No sentido adotado por Deleuze, um diagrama constitui “pontos de emergência ou de criatividade, conjugações inesperadas e desdobramentos contínuos e improváveis” (1998, p.60). Atua como dispositivo porque desperta um saber diagramático, “um pensar sobre possibilidades, de modo dedutivo, estabelecendo relações e analogias, investigando hipóteses, experimentando e reconsiderando os resultados e o próprio processo em curso, diagramaticamente” (Lacombe, 2007, p. 203). Um procedimento exploratório e experimental, profundamente instável e influente, necessário para uma invenção inovadora, que supere hábitos, clichês e estereótipos (Montaner, 2017, p.12).

O diagrama é o que permite que o objeto cartográfico registrado expresse as coreografias provocadas ao sul do sul, na interface entre o sedentarismo e a nomadologia. Será guiado pelas formas do acolhimento de Fernando Fuão (2014) e Celma Paese (2016): a enseada, a reta, a ilha e a península. A enseada é o encontro entre o mar e a terra, uma indefinição entre abertura e fechamento que captura o errante à espera, mas ainda assim permite que o mesmo vislumbre em perspectiva a errância. A reta é a forma própria da errância, daquilo que força o ir além. É a forma inóspita (da geometria), e não por acaso, a forma da grade ortogonal de grande parte das cidades. A reta é a estrutura da rapidez. A ilha é a espera isolada, demora, que ao mesmo tempo que abriga, aprisiona. E a península, assim como a enseada, flerta entre a espera e a errância. Entretanto, se a enseada está para errância, a península está para espera.

Rastros das experiências em campo: a hostipitalidade em Montevideo, Porto Alegre e Pelotas

Guiado pela cartografia deleuze-guattariana, que considera que o mapa é aberto e conectável (1995), embarco em uma jornada reflexiva, revisitando os rastros deixados por minhas viagens de campo anteriores. Através da escrita em primeira pessoa, teço um diálogo entre os registros e os mapas já traçados, reativando ideias e deslocando a compreensão dos aprendizados, agora a partir da ideia de objetos coreográficos e seus fluxos decorrentes. Ao reler as anotações no diário de bordo, olhar as fotografias e visitar os mapas do acolhimento da experiência em Montevideo, Porto Alegre e Pelotas, embarco em uma incursão pela pesquisa com o objetivo de escrever sobre “onde se instalam os objetos coreográficos e como eles alteram o fluxo errante na cidade?”. A lentidão como postura e a insistência nas “pequenezas” coletadas tecem um plano de repetições e diferenças que evidenciam os objetos coreográficos nas três cidades e sua conexão com a hostipitalidade, constituindo o “território”, experiencial e subjetivo, para além da materialidade.

Os dispositivos dos agentes lentos provocavam em forma de coreografia “enseadas” em Montevideo. Uma forma do acolhimento estabelecida pela indefinição entre abertura e fechamento (FUÃO, 2014), típica da “hostipitalidade” - que permitem que os caminhantes cheguem e se demorem, antes de voltar aos seus caminhos de errância (reta). Essas “enseadas” são diferentes em dias de sol e calor e de vento e chuva. Mas são recorrentes em lugares com grande quantidade de comércios durante o dia, tanto de chuva como de sol. Só podem acontecer onde houver alguém que espera (sedentário) e alguém que erra (nômade).

Em um centro de espaços abertos e poucas áreas cobertas como em Montevideo, em dias de chuva e ventos fortes as praças, abertas e descobertas, são “retas”, lugares de passagem em que a saída é a principal perspectiva. As marquises, por sua vez, são grandes linhas cobertas que se estendem principalmente em edifícios institucionais, ou de serviços; configuram uma espécie de pequenas “enseadas”: acolhem tanto o caminhante quanto os vendedores ambulantes e seus dispositivos, que são lentos, mas sedentarizados na malha da cidade. Os tempos rápidos das calçadas em dias de chuva, pertencem àqueles que tem guarda-chuva e galochas, e correm, individualizando o espaço por onde passam. São alastrados pelos veículos que passam pelo asfalto jogando água naqueles que insistem em caminhar, ou morar, pelas calçadas (muitas vezes por obrigação), propagando a lentidão.

Quando faz sol e calor, a rua ganha vida. Na Calle Sarandi, os diversos produtos, apresentações e sentidos se sobrepõem, fervilhando. Se misturam usos, produtos e folias. As ruas se tornam palco do comércio lento. Entre um turno e outro, no horário de almoço, as praças se enchem. Os espaços públicos se tornam lugar de demora, de troca, de mate, de conversa, de hospitalidade. O tempo fica mais calmo, dado a experiência plural. Os espaços abertos, bem como as ruas peatonais se configuram como um sistema de enseadas e retas, e por vezes enseadas complementares. Algumas conexões entre a Av. 18 de Julio e as ruas paralelas formam penínsulas, convidando o curioso a ir adentro, sem perder seu ponto de vista. No sol, os grandes edifícios e o comércio se obscurecem.

Essas formas, ensaiadas, para além de conformadas pelos muitos ambulantes da *calle*, eram reforçadas por ocupações sazonais das ruas em feiras. As feiras transformam o uso da rua e a abrem para o encontro do acolhimento. São usualmente mediadas pelo capital, mas não se limitam unicamente por ele. Montevideo tem feiras de todos os tipos, de todas as lentidões. Parece que a potência da feira está na duração do re-movimento, da repetição. Nesse sentido, adentra ao sedentarismo veloz. Seu nomadismo, entretanto, a inclui nos objetos que insistem em fazer diferença, mesmo que se repita, porque modifica os fluxos da rua, interrompendo o trânsito. Assim a feira é um grande acontecimento, coreografado, ensaiado e potente.

Além das feiras e das diversas banquinhas que se estriam no balé das ruas, percebo nos registros a importância do pilar entre as lojas, que abrem um espaço entre as vitrines, acolhendo os agentes lentos e seus dispositivos de vender comidas. Além disso, nas muitas *peatonais* e praças, elementos como árvores, lixeiras e bancos também pedem atenção nos mapas do acolhimento, já que convidam à espera, proporcionando pequenas enseadas prontas para demorar quem passa.

- Porto Alegre: a cidade do pôr do sol

Visito Porto Alegre em um momento um tanto incerto (a pandemia de covid-19), mais de um ano depois de ir a Montevideo. Chego na capital gaúcha em 27 de janeiro de 2021, e é muito verão. No plano de uma viagem mais breve, fico pela cidade apenas quatro dias, que parecem muitos. Em Porto Alegre me perco, me perco e me perco. O ar pandêmico se mistura a um calor que faz sufocar e a rua de muitas dobras parece tão difícil de ser lida, que mal posso respirar. Ainda assim, percebo muitas coisas.

Porto Alegre me ensina sobre a paisagem e sobre imagem, mas sobretudo sobre o tempo de compreensão. “A Rua da Praia”, como é conhecida a Rua Andrade Neves, rua comercial que investigo com mais afinco, me diz sobre o espaço aberto e suas dobras de importância para a possibilidade de lentidão. Sua interminável paisagem paralisa, mas propõe uma cartografia pouco linear. Também me diz sobre o pôr do sol. Evidentemente que o clima, incide sobre as coreografias possibilitadas. O que pode um corpo no sol? Por onde se esgueira? No espaço aberto que se faz esplanada, o que pode acontecer? Que dança a cidade pede? Porto Alegre pede atenção, será possível rastrear o movimento? Compartilho algumas imagens e faço mapas de acolhimento, pouco calor e muito calor (figura 2).

Figura 2: Mapas do acolhimento e fotografias a partir da Rua dos Andradas. Fonte: da autora, 2021.



A Rua da Praia é uma infinidade de dobras, mas não de estriamentos. Em seu trecho comercial expõe a multiplicidade de reviravoltas em forma de paisagem. A história da cidade da rua portuária e fundacional, berço neoclássico, comercial, conservador, boêmio, moderno, higienista, democrático, lento e rápido se encontram ali. Ela cansa, o olho cansa, o sol cansa.

Entre as quadras há tanto, mas os espaços de espera verdes são poucos. Eles existem e até funcionam, mas em certos termos, a falta de mobiliário adequado e de uma organização que provoque a ação tornam esses respiros pouco acolhedores. Ainda assim, diversos seres usam, modificam e abrem brechas, conectando a lentidão ao espaço. Os jogadores e terceirizados tomam ar, se encontram com os livreiros e engraxates. Dependendo de quem você for, é uma festa. O menor e o lento existem e resistem. Ainda assim, por calor e por pandemia, parece que na rua da praia não há descanso. É tudo muito ou nada.

Nos dias de quase chuva, próximo da Instituição Mário Quintana, o rosa alegre se mistura com pequenas lancherias e cafés que ensaiam enseadas. A praça da Alfândega é uma espécie de ilha, com refluxo que se abre para as infinidades de enseadas do calçadão. Nas fachadas espremidas, algumas pequenas enseadas são proporcionadas por vendedores às portas. O paralelepípedo chama para ficar, ele é lento, diferente do asfalto, rápido, que às vezes cruza a rua da praia e leva longe. Nesses encontros, até as pequenas são quase vazias. O tempo nublado pede cobertura, mas permite a livre andança pelas ruas descobertas.

Nos dias de muito sol, é impossível permanecer no descampado. É preciso cobertura, ar, árvores, floresta. O chão ferve. Qualquer sombra é enseada, e acumula errantes. A grande península entre o calçadão e a Borges, já significativa em dias cinzas, se torna ainda mais acolhedora, principalmente quando o sol está a pino.

Ao perambular por Porto Alegre, meu corpo vibra calor, e não faz sentido fugir da rua, mesmo que ela esteja esvaziada de pessoas. Nesse sentido, a ausência da arquitetura se torna um atrativo constante, um espaço em branco para uma nova imaginação. As invenções funcionam como abrigos, o traçado do “território” ocupado pelos agentes lentos instiga um percurso, principalmente no calçadão, criando enseadas e afecções que chamam o transeunte a observar, parar, alentar, diferenciar. Os múltiplos objetos cartográficos espalhados por sobre panos, cadeiras e expositores suscitam o ver, o direcionar e o restringir, modificando efemeramente as coreografias da cidade.

- Pelotas

Volto para Pelotas e já é junho, aqui, na cidade onde vivo, perambulo pela Rua Andrade Neves de Norte a Sul por também 4 dias. Pelotas me significa tanto, que é difícil falar da cidade sem falar de mim. Ainda assim, em uma tentativa da “pedagogia da viagem”¹¹, busco a alma de quem vive tudo pela primeira vez. Ando com o corpo lento e extremamente aberto e converso com tantos que me abrem sorrisos hospitalares. Pelotas me ensina sobre história, economia e lentidão. Percorro a rua por manhãs ensolaradas e noites de friaca. Na experiência penso sobre a importância de mobiliários na intermediação e movimentação de fluxos, que alteram e direcionam a coreografia daqueles que esperam e passam. Ao olhar para os diferentes revestimentos no decorrer das ruas, também reparo na importância dos mesmos como objetos coreográficos da

¹¹A pedagogia da viagem, pertinente a uma metodologia de pesquisa-intervenção como a cartografia, possibilita a imersão de um corpo pesquisador em um território de investigação por um tempo pré-determinado. É um deslocamento da experiência que acontece pelo universo da descoberta e pode nos apontar novos caminhos a seguir. É marcada por três momentos: o antes da viagem, a viagem e o depois da viagem (SANTOS, 2021).

No encontro com a Avenida Bento Gonçalves, a grande calçada em frente ao Parque Dom Antônio Zattera é uma malemolência que se abre para o canteiro que de dia é quase sempre lotado de carros, e de noite recebe trailers, com lancherias e suas mesas de plástico convidativas, penínsulas do acolhimento. Passando perto do calçadão, pelo cinema e chafariz, o tempo alentece. Nas proximidades do mercado público central, o tempo volta a acelerar. Até o sul, onde a rua termina, quase nada. A rua é reta, certíssima.

Quando há luz e sol, Pelotas é um convite. Atravessar a Rua Andrade Neves é percorrer muitas camadas de história da cidade, ainda bem definidas. A partir do canal, onde não se pode ver a água, até a Dom Joaquim, se você tiver tempo, a experiência está dada. O relevo manso do pampa, de uma cidade ao nível da água (ainda que não olhe muito para ela), é a própria provocação à espera. Há alguma confusão entre o que é reta, e o que é enseada. A praça e as vegetações que invadem o calçadão criam recursos para além do capital nesse espaço. Onde há pessoas, há vida. Fora o trecho da beneficência que é reta concertina, a caminhada é um passeio. Perto da água, onde o escuro emudece, o sol se revela. Ao fim, os muros desenhados e as crianças brincando chamam para estar: enseada.

Olhando os rastros, as memórias dizem muito. Me sinto em casa, mesmo na rua, e é fácil querer brincar pelos entres. Percebo mais uma vez a importância dos elementos distribuídos no espaço aberto: placas, postes, caixas de luz. Esses elementos, chamam a uma ordenação dos objetos coreográficos que são posicionados pelos agentes lentos, abrindo novas janelas para aqueles que transitam olhando as vitrines e produtos. As imagens, me chamam para criar um ritmo que qualquer criança entenderia. As grandes paredes, às vezes cegas, ganham goleiras, lambes, pichações e grafites, funcionando a partir de uma “hospitalidade” que certifica que alguém ocupa aquele espaço para além da arquitetura. A dança ganha corpo no sentido de sol, acolhedor. Se faz noite, caminhar já não é tão bom assim, principalmente em ruas pouco iluminadas. Talvez, o mais importante objeto coreográfico da noite seja a luz.

Objetos coreográficos e diagramas: coreografias da cidade ao sul do sul

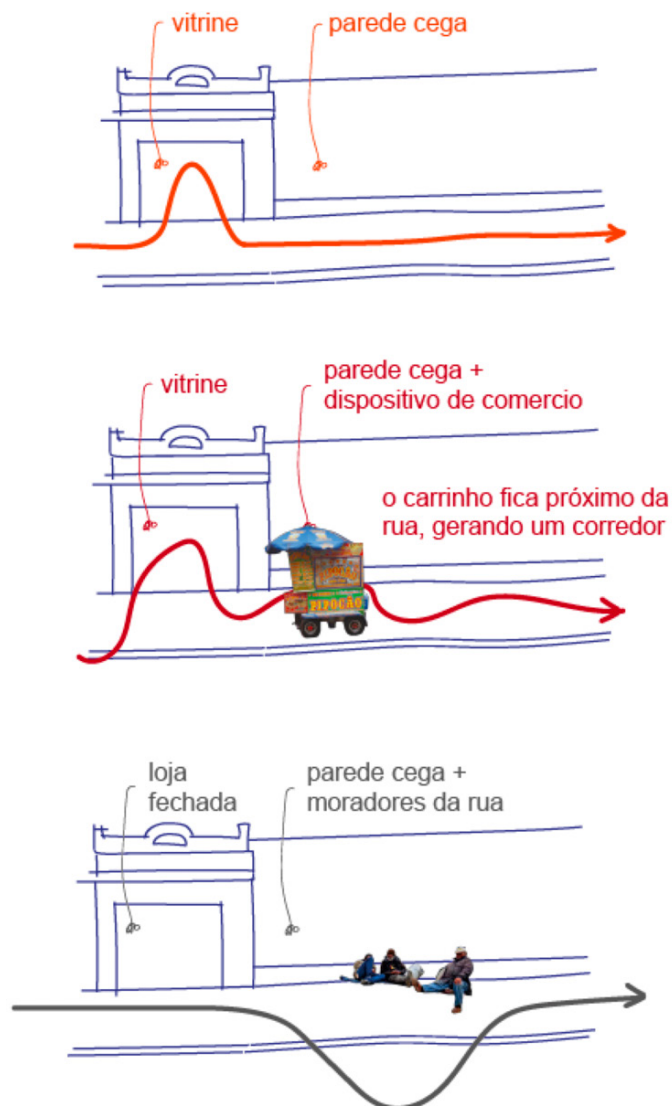
Olhando para os rastros que coletei nas cidades e me dizem sobre a mudança de fluxos e o alentamento do espaço público de experiência urbana, procuro reconhecer o que se repete entre as três cidades. Quais são as operações e coreografias que se dão no espaço público e são modificadas pelos objetos cartográficos lentos ao sul do sul? Qual sua relação com a malha urbana e arquitetônica, estriada e sedentária, da cidade?

Reconheço a atração entre: as paredes cegas e as calçadas; os corredores do calçadão; o pilar entre as lojas; os elementos de pendurar produtos; os descampados; e as paredes que pedem intervenção. Buscando mapear esses objetos e movimentos, traço diagramas a partir das “formas do acolhimento”. Os diagramas permitem a elaboração descritiva de caracterização dos objetos, mas principalmente ilustram a potência de ação que desenvolvem na modificação do fluxo rápido da cidade.

As paredes cegas e as calçadas

Interrompendo as dobras dos edifícios ecléticos do centro histórico, encontram-se múltiplos casos de magazines (Americanas, Renner, Marisa, Supermercados...). Super lojas de alcance regional que desfazem a malha histórica da cidade para impor uma arquitetura rápida e descompromissada com o ritmo do entorno. Se por um lado essas lojas abrem grandes vitrines, em seu oposto, criam grandes paredes cegas, sem frestas ou janelas que humanizam o espaço. Sua arquitetura costuma ser tão globalizada quanto os produtos que vendem. Sua estrutura, não aguça novidade alguma na cidade, muito pelo contrário. Normalmente, em seu exterior posterior, se estabelecem lugares hostis que incitam a fuga rápida. Retas que, em dias de sol, são ocupadas por pequenos comerciantes e seus objetos cartográficos: carrinhos, maletas, lençóis, criando enseadas que convidam a demora, a gentileza e ao diálogo em seu interior nômade. Pela noite, os comerciantes costumam dar lugar à moradores de rua, que invertem a coreografia de fluxo e do acolhimento aos transeuntes medrosos (figura 4). As grandes paredes cegas são perigosas para a afirmação da boa experiência da cidade. Em seu sedentarismo estriado, incitam a errância contínua.

Figura 4: Diagrama do acolhimento das paredes cegas + calçadas com diferentes atores lentos e objetos coreográficos. Fonte: da autora, 2022.



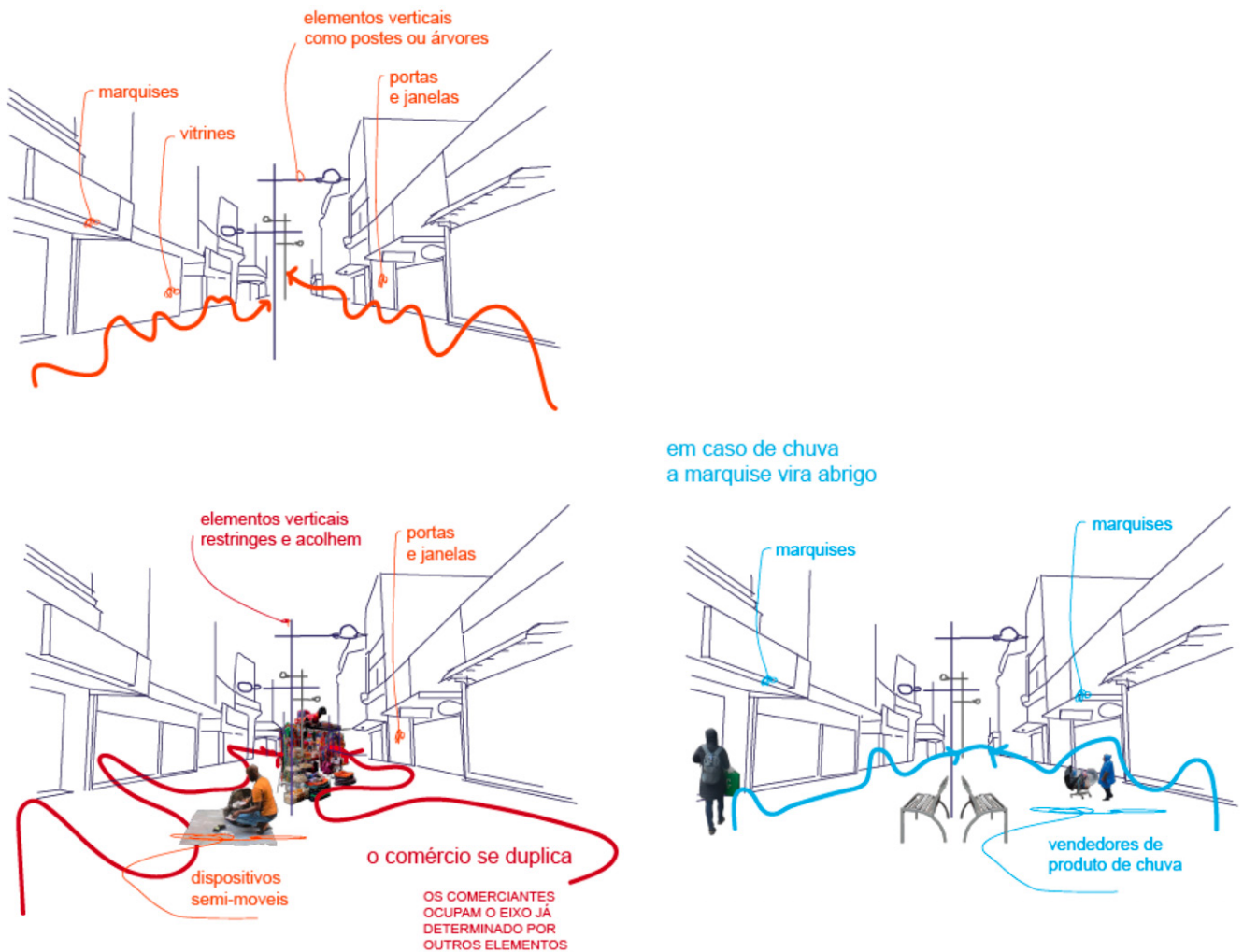


Figura 5: Diagrama dos corredores do calçadão. Fonte: da autora, 2022.

Os corredores do calçadão

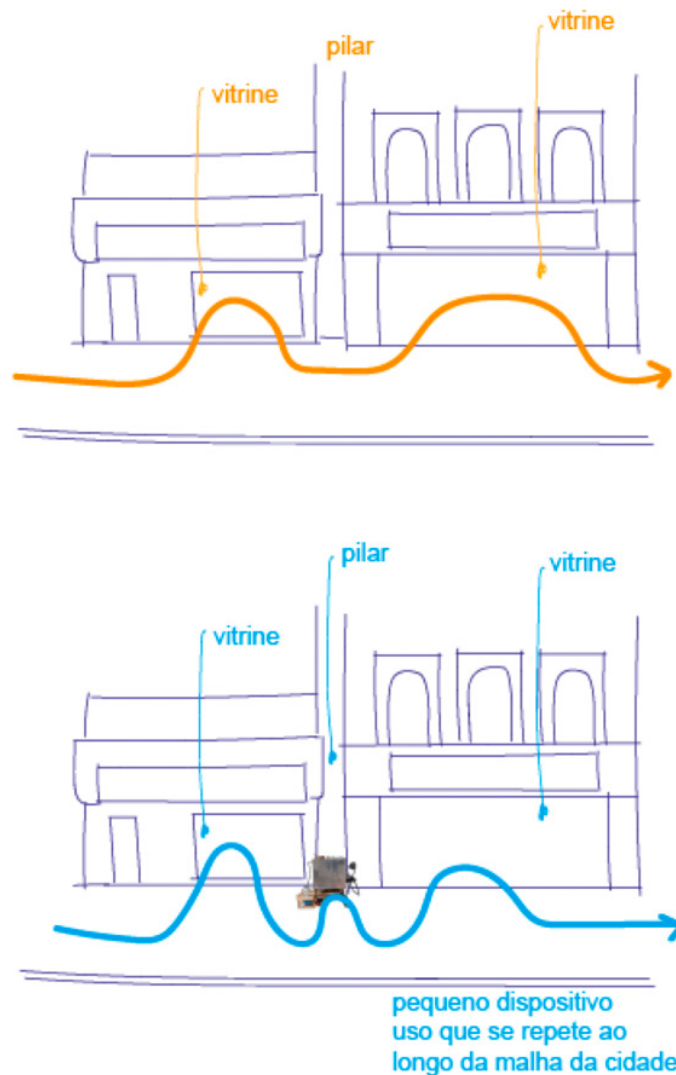
Nos calçadões a ideia de um ir e vir é prazerosa. Os calçadões foram planejados para uma experiência lenta da caminhada. Seu fluxo é dividido por objetos como postes, luminárias, lixeiras, árvores e bancos, que normalmente estão ao meio do perfil e dividem o fluxo para as vitrines que se abrem para os dois lados. A vitrine atrai o transeunte, fazendo-o diminuir seu ritmo e insinuando a hospitalidade (condicionada).

Quando os agentes lentos instalam seus objetos coreográficos entre os postes, luminárias, árvores e bancos, novas frentes de atração se abrem, multiplicando as possibilidades de interrupção da rapidez. Tudo pede atenção. O espaço central da rua, ou é mirada comercial, ou espera. A curva se move criando enseadas. Talvez, o calçadão possa ser considerado uma península – ele pede volta, e não permite grandes corridas. Quando chove, o acolhimento é modificado pelas marquises, que chamam os transeuntes ao abrigo. A ocupação central do perfil é desfeita, e a coreografia da cidade ganha outra movimentação (figura 5).

O pilar entre as lojas

No pilar entre as lojas, múltiplos dispositivos são estacionados. Sempre pequenos, espremidos, esgueiram-se por entre as vitrines luminosas que chamam a atenção do transeunte. Às vezes são vendedores de comida (amendoim, pão de queijo, bombom ou balas). Normalmente coisas menores (não como os grandes carrinhos de cachorro-quente, crepe, tortas fritas ou churros). Se vendedores de comida, são bem aceitos pela arquitetura – e dinâmica da cidade. Quando vendedores de produtos ilegais, como óculos, relógios e correntes, costumam ser acompanhados por imigrantes recém-chegados, gerando conflitos – não para a malha urbana da cidade – mas para os lojistas, que os querem longe dali. O pilar, por estar entre vitrines iluminadas, é concorrido, e não aceita qualquer dispositivo e objeto coreográfico – como as paredes cegas o fazem, o que declara uma condição da hospitalidade. O pilar é estrutural, verticalizado e definidor, em contraponto às arquiteturas que se montam logo à frente.

Figura 6: Diagrama do acolhimento das pilar entre as lojas.
Fonte: da autora, 2022.



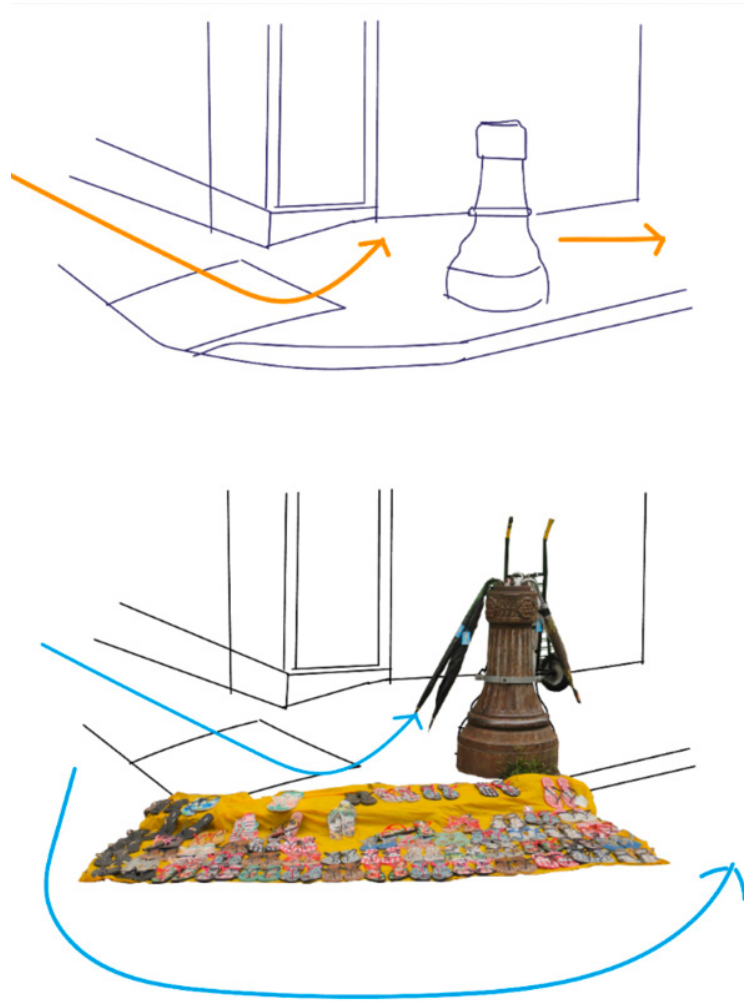


Figura 7: Diagrama dos elementos de pendurar produtos. Fonte: da autora, 2022.

Os elementos de pendurar produtos

Diversos usos, comerciais ou residenciais, emergem nas ruas. Como a relação entre espera e errância costuma ser dinâmica, muitas das instalações dos objetos coreográficos lentos se concentram próximo a elementos estruturais (sedentários) do desenho urbano, como mobiliário urbano, postes, extintores e bancos. Estes elementos costumam abrigar os diferentes usos, permitindo sua conversão e auxiliando na instalação de dispositivos que possibilitam diversas formas de usar a rua (figura 07). São, por si só, objetos coreográficos de espera, pois atraem os atores lentos, ainda que não operem sozinhos o acolhimento. Revelam a necessidade de explorarmos o mobiliário urbano para além da funcionalidade rotineira, incorporando o comércio mais ou menos formal como parte do “território” lento do centro atrelado a urgência econômica, mas também cultural dos agentes lentos (figura 7). Também anunciam a importância de considerarmos as múltiplas coreografias e fluxos que são possibilitados pela instalação de eixos, determinados por elementos que se repetem em perspectiva, no projeto dos espaços abertos.

Os descampados

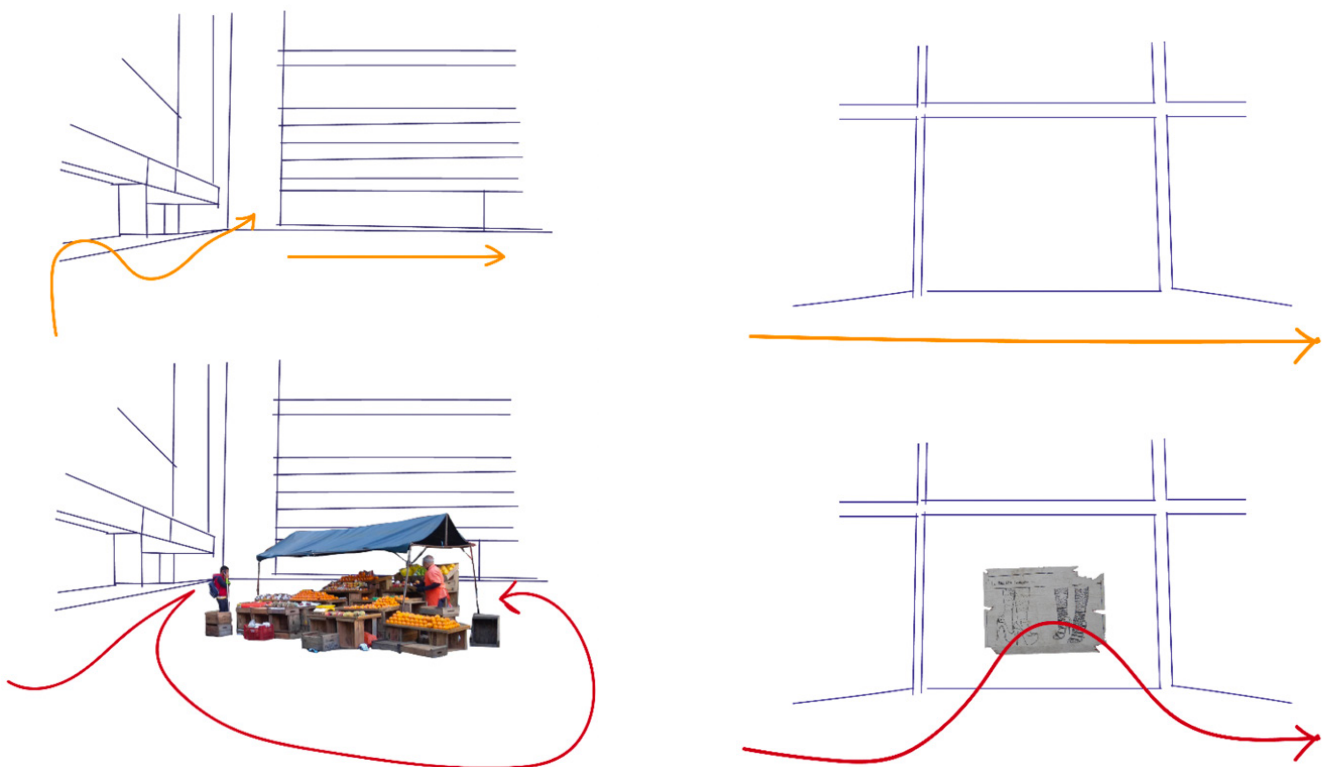
A ausência da arquitetura em zonas estruturadas de densificação, como em praças, esplanadas, calçadas largas ou terrenos baldios, possibilita a instalação de elementos arquitetônicos lentos, mas estruturados, que brincam com as possibilidades de conversão do ir e vir abrindo portas e janelas na funcionalidade imperativa. As possibilidades, embora possam ser estruturadas cotidianamente, se abrem para convenções espetaculares, como feiras, shows e eventos culturais que podem movimentar a agenda da cidade. Compreender a potência dos descampados e sua relação com a malha estruturada permite que reunamos um grande número de pessoas em um espaço-abrigo efêmero. Esses espaços secos ou vegetados, possibilitam o respiro na cidade. São retas quando vazios, zonas de cruzamento, mas podem ser ilhas quando utilizadas. Ilhas de lentidão e celebração, mas também de assembleias e manifestações políticas.

As paredes que pedem intervenção

As paredes que pedem intervenção podem estar em qualquer lugar. Talvez, elas tenham suas propriedades como a cegueira, o abandono, ou a altura, instigando o risco, o desenho ou a pichação, mas elas são mais uma definição de limite, que simboliza o fim do espaço público e o começo do espaço privado, do que uma fronteira amigável de transição. Embora as intervenções que acontecem nessas paredes sejam importantes para a representação das demandas políticas e revelem diversas dinâmicas e movimentos sociais, elas costumam ser espaços de diferença escancarada. Como elemento arquitetônico, as paredes são dispositivos limitantes, mas como espaço de intervenção podem se tornar possibilidades de coreografias diversas, que por vezes, anunciam escaladas, pulos e movimentos inesperados de corpos dissidentes e lentos pela cidade sedentária e rápida.

Figura 8 (esquerda): Diagrama do acolhimento dos descampados. Fonte: da autora, 2022.

Figura 9 (direita): Diagrama do acolhimento das paredes que pedem intervenção. Fonte: da autora, 2022.



Pistas e outros rastros

A cidade está em constante modificação, é contemporânea. Ainda assim, suas dinâmicas de lentidão e velocidade presumem uma disposição de objetos e movimentos que se repetem, nos diversos casos e espaços, tanto em Montevideo, como em Porto Alegre e Pelotas, porque são atreladas a projetos e planos velozes e homogeneizadores ancorados na estética global, mas também porque são produzidas por similaridades culturais, ecológicas e etológicas, como predispõe Guattari ao anunciar a subjetividade coletiva.

O centro é o lugar da sedentarização histórica. Sua produção é estriada, delimitada e mapeada. Ainda assim, alguns agentes causam pequenos alisamentos, flexibilizações e contradições em sua malha, repetidamente. Quanto mais o centro planeja e inclui a lentidão em seu projeto, mais essa se acelera, conformando a coreografia projetada do acolhimento condicionado. A sedentarização do nômade e o aperfeiçoamento dos dispositivos tornam as coreografias mais ordenadas, ensaiadas e reproduzíveis, e, iluminadas, o que possibilita, em contrapartida, o desfrute de uma maior velocidade de fluxo. Percebe-se uma pressão sistemática da velocidade, que não aceita a diferença da lentidão, e acelera os agentes lentos e seus dispositivos.

A relação entre a arquitetura e a prática do espaço público se revela cíclica e, de certa forma, previsível. O ritmo das fachadas e a distribuição de elementos verticais nos passeios públicos contribuem para a organização dos dispositivos utilizados pelos agentes lentos. Existe uma ordem de uso – e intervenção – na cidade, orquestrada pela arquitetura e pela perspectiva que dela emerge, mesmo que subjetivamente.

A utilização de mobiliário adequado e o desenho de espaços abertos (praças, calçadas, ruas de pedestres) que considerem os múltiplos públicos, e alterem os fluxos e temporalidades da reta, corroborada pela parede cega e muros, parecem fundamentais para a vitalidade urbana, inclusive para proporcionar uma experiência que não seja apenas linear e sempre em fuga (errância), mas que possibilitem a enseada e a demora (espera), como a proporcionada pelas marquises, mobiliários múltiplos e vegetação. A relação entre os elementos da arquitetura e as práticas coreográficas de espaço são intrinsecamente determinadas. Os elementos coreográficos são uma referência na constituição da hospitalidade. Pensar os fluxos que criem a não linearidade da experiência pedestre é vital para a desaceleração do fluxo e manutenção da hospitalidade no cotidiano.

Na busca por uma cidade mais dinâmica e adaptável, a arquitetura assume um papel crucial como mediadora entre o planejamento e a espontaneidade, entre a rigidez e a fluidez. Nesse sentido, talvez a arquitetura deva transcender a determinação de usos e fluxos pré-definidos. Em vez disso, deve provocar a interação e a apropriação desses elementos pelas pessoas, criando espaços que possibilitem o encontro, a permanência e a exploração, na interface entre o espaço público e privado, o nômade e o sedentário. Mais do que definir como os espaços devem ser usados, deve-se abrir brechas para o indefinido e o surpreendente, criando cenários que possibilitem a improvisação, a criação e a emergência de novas formas de habitar a cidade. Essa imprevisibilidade, tão presente na experiência das crianças e dos agentes lentos, que exploram a cidade com seus corpos e imaginações, é fundamental para a vitalidade, a diversidade da vida urbana.

Muito provavelmente precisemos de mais espaços “em branco”, “em aberto”, “em fluxo natural”, para que os múltiplos usos e eventos o qualifiquem, ciclicamente, mas não sedentariamente. Acredita-se que esses espaços possam ser compostos por vegetações de todos os portes, como lugares livres “em espera” que permitam que a lentidão da natureza invada a artificialidade da cidade, alentando-a. Precisamos pensar uma cidade dos fluxos, elementos e intervenções mínimas. Esses lugares “de respiro” e opacidade ajudarão a mediar a complexidade de uma cidade veloz e possibilitando a vida de uma pluralidade de espécies e lentidões.

A experiência em diversos cenários do Sul do Sul nos alerta para a constante mutação das dinâmicas urbanas ao longo das quatro estações do ano. Ventos, frio, sol, calor e chuva moldam a vida nas cidades, exigindo adaptações e novas formas de habitar o espaço público. Atrelar o planejamento urbano a essas condições cíclicas e cada vez mais imperativas é fundamental para a construção de cidades resilientes e humanas. É preciso reconhecer que a rua não se resume apenas a um palco para festas e encontros, mas também pode ser um refúgio para o silêncio e o resguardo, especialmente em dias rigorosos.

Nesse contexto, a arquitetura assume um papel crucial na mediação entre o clima e a vida urbana. Elementos arquitetônicos que considerem as mudanças climáticas e facilitem o uso dos espaços abertos em todas as estações do ano são essenciais para garantir o bem-estar da população e o sustento daqueles que dependem do fluxo das ruas. Ao incorporar as variações climáticas como elementos influentes da experiência urbana, podemos construir cidades mais dinâmicas e inclusivas, que se adaptam às necessidades dos seus habitantes em cada momento do ano.

No mais, a utilização de diagramas e mapas de acolhimento possibilita o pensar e o expressar as diversas coreografias e acolhimentos vivenciados na cidade, mas, principalmente, permite a apreensão dos múltiplos aspectos que influenciam a experiência urbana sensível. Sua aplicação se dá na comunicação cartográfica, porém, sua potência reside no nível do pensamento e da compreensão dos diversos aspectos que compõem a dinâmica subjetiva das cidades e devem ser operados nos processos de projeto. Nesse sentido a potência desses registros cartográficos está na sua pedagogia, principalmente quando unida à experiência de deslocamento “em viagem”.

Por fim, no contexto da busca por cidades mais lentas e que acolham a pluralidade de experiências, a cartografia da pesquisa-intervenção surge como uma ferramenta poderosa para o planejamento urbano. Através da caminhografia, é possível experimentar as diversas camadas que compõem o tecido urbano, desde os fluxos de pessoas e bens até as relações de poder e as formas de apropriação do espaço e a identificação das áreas de vulnerabilidade, oportunidades e desafios. Experimentar e narrar a cidade em primeira pessoa, na escala dos corpos, é um ato que transcende a mera vivência individual, porque tece a subjetividade coletiva. Através dessa prática, ultrapassamos os limites do “eu” e mergulhamos em um universo de percepções, sentimentos e reflexões compartilhadas. Narrando nossas experiências, construímos pontes entre o individual e o coletivo, entre o passado e o futuro, entre o lento e o rápido, entre o sedentário e o nômade, emergindo, portanto, nas múltiplas temporalidades e estruturas que complexificam o pensar e projetar na contemporaneidade.

Referências bibliográficas

- BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. [S. l.], 2002.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*, tradução José Carlos Rodrigues. Lisboa: Vega, 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia vol.4*. São Paulo: editora 34, 1997.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia vol.1*. 2. ed. São Paulo: editora 34, 1995.
- DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. 1. ed. São Paulo: Escuta, 2003.
- FORSYTHE, William. *Choreographic Objects: Essay*. Disponível em: <<https://www.williamforsythe.com/essay.html>>. Acesso em: 14 maio 2024.
- FUÃO, Fernando Freitas. As formas do acolhimento na arquitetura. In: SOLIS, Dirce; FUÃO, Fernando Freitas (org). *Derrida e Arquitetura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.
- GUATTARI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. 4ª edição ed. São Paulo: Editora 34, 1992.
- JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2012.
- KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org). *Pistas do método da cartografia*. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 76–91.
- LACOMBE, Octavio. O diagrama fundamental. *Risco* (São Carlos), v. 1, 2007, p. 203-207.
- MONTANER, Joseph Maria. *Do diagrama às experiências, rumo a uma arquitetura de ação*. Barcelona: Gustavo Gili, 2017.
- PAESE, Celma. *Contramapas de acolhimento*. Tese (doutorado) Programa de Pós-Graduação em Arquitetura- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2016.
- PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). *Pistas do método da cartografia*. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17–31.
- RECENA, Maria Paula. *Elementos de arquitetura: objetos coreográficos*. Arqtexto (UFRGS), v. 19, p. 98-119, 2015.
- ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame dos. Como é a Caminhografia Urbana? Registrar, jogar e criar na cidade. *Arquitextos*, São Paulo, n. 281, ano 24, 2023. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/24.281/8923>>. Acesso em: 18 de abril de 2024.
- SAMOL, Robert. Texto sonso, ou a base diagramática da arquitetura contemporânea. LACOMBE, Octavio (trad). *Risco* (São Carlos), v. 1, 2007, p. 179-191.
- SANTOS, Taís Beltrame dos. *Seres lentos e vida urbana. Caminhografia pelas ruas de Montevideo, Porto Alegre e Pelotas*. Dissertação (mestrado), Programa de Pós-graduação em Arquitetura E Urbanismo. Universidade Federal de Pelotas.
- SANTOS, Milton. *Técnica Espaço Tempo*. 3. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- _____. *A natureza do espaço*. 4 ed. 1 re ed. São Paulo: EDUSP, 2006.
- _____. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: EDUSP, 2005.

Recebido [Out. 20, 2023]

Aprovado [Ago. 23, 2024]